

Cultura e Educação no Delta do Rio Parnaíba: o fazer do griô Zé Santana

Culture and Education in the Delta of Parnaíba River: the practices of the griô Zé Santana

José Marcelo Costa dos Santos¹
Maria do Amparo Borges Ferro²

Resumo: O presente artigo trata da ação cultural do griô Zé Santana em Ilha Grande-PI, no Delta do Rio Parnaíba. O objetivo é analisar as contribuições da ação cultural de Zé Santana na comunidade ribeirinha de Ilha Grande-PI. Especificamente, almejamos: caracterizar a ação cultural de Zé Santana, enfatizando sua constituição como um educador cultural; relacionar o fazer desse mestre griô com uma possível prática educativa; mostrar a relevância da produção artístico-literária do referido mestre popular para a educação, história e memória cultural do povo ilhagrandense. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida à luz da metodologia de Análise de Conteúdo, tendo como técnica a entrevista semiestruturada aplicada com três moradores da referida região. A base teórica se fundamenta em Bardin (2016), Brandão (2007), Santos (1994), Werneck (2003), dentre outros. O estudo mostrou que as ações dentro da comunidade fizeram de Zé Santana uma espécie de educador cultural, pois seu fazer possibilitou diferentes formas de aprendizado e de construção de conhecimentos sobre a vida e a cultura no espaço da cidade em questão.

Palavras-chave: cultura; educação; Ilha Grande; Zé Santana.

Abstract: This article deals with the cultural action of the griô Zé Santana in Ilha Grande-PI, in the Delta of the Parnaíba River. The objective is to analyze the contribution of Zé Santana's

¹Doutor em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2020). Professor Adjunto _ UFMA. Contato: marcelo.jose@ufma.br

²Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2000). Professora Titular _ UFPI. Contato: amparobferro@gmail.com

cultural action in the riverside community of Ilha Grande-PI. Specifically, we long for: characterize the cultural action of Zé Santana, emphasizing his constitution as a cultural educator; relate the doing of this griô master with a possible educational practice; show the relevance of the artistic-literary production of the aforementioned popular master for the education, history and cultural memory of the people of Ilha Grande. This is a qualitative research, developed in the light of the methodology of Content Analysis, having as technique the semi-structured interview applied with three residents of the referred region. The theoretical framework is based on Bardin (2016), Brandão (2007), Santos (1994), Werneck (2003), among others. The study showed that the actions within the community made Zé Santana a kind of cultural educator, because his doing enabled different forms of learning and the construction of knowledge about life and culture in the space of the city in question.

Keywords: culture; education; Ilha Grande; Zé Santana.

Boitató, Londrina, 2023
Recebido em: 28/04/2023
Aceito em: 12/10/2023



BOITATÁ, Londrina
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Cultura e Educação no Delta do Rio Parnaíba: o fazer do griô Zé Santana

José Marcelo Costa dos Santos, Maria do Amparo Borges Ferro

1 Introdução

O Delta do Rio Parnaíba é um ecossistema rico em biodiversidade, localizado entre os estados do Maranhão, Piauí e Ceará, em um arquipélago de 2.700 km, compondo mais de 70 ilhas (Farias *et al.*, 2015). Nas ilhas do Delta existem várias comunidades de pescadores, agricultores, vaqueiros e extrativistas, formando uma grande teia de biodiversidade natural, cultural e social. São povoações que se beneficiam das riquezas extraídas das águas, das matas, da lama e das terras do Delta, como ocorre em Ilha Grande – município fundado em 1994, quando foi desmembrado da cidade de Parnaíba.

Nesse lugar, dentre tantos talentos, reside o senhor Raimundo José do Nascimento, conhecido com Zé Santana, um poeta cantador que ao longo de mais de quarenta anos educou gerações por meio de ações de cultura, principalmente nas rodas de brincadeira de boi nos povoados da região.

Pelo trabalho que executou em suas práticas culturais nesse território, Zé Santana pode ser caracterizado como um griô (Hampaté Bâ, 1982), ou seja, um mestre do povo reconhecido em sua comunidade por seus fazeres como poeta, compositor e artesão. Na cultura africana, conforme descreve Gonçalves (2009, p. 149), griô “[...] significa contador de histórias, é aquele que mantém a continuidade da tradição oral, a fonte de saberes e ensinamentos; é o poeta, o mestre, o estudioso, o músico, o dançarino, o conselheiro, o preservador da palavra”.

Zé Santana pode ser considerado um griô na medida em que atuou por várias décadas como líder e amo de brincadeiras de boi, compunha as toadas, confeccionava o boi, reunia-se com dezenas de pessoas para manifestar tradições ancestrais e desenvolver ações educativas, formação identitária, fomentando valores e fazeres.

Em 2015, iniciamos um estudo sobre a ação cultural desse griô, o que resultou numa dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade



Federal do Piauí. O presente artigo trata de uma das seções da pesquisa em pauta, trazendo a problematização da seguinte questão: como se deu a ação educativa do griô Zé Santana em Ilha Grande-PI?

O objetivo é analisar as contribuições da ação cultural de Zé Santana na comunidade ribeirinha de Ilha Grande-PI. Especificamente, almejamos: caracterizar a ação cultural de Zé Santana, enfatizando sua consituição como um educador cultural; relacionar o fazer desse mestre griô com uma possível prática educativa; mostrar a relevância da produção artístico-literária do referido mestre popular para a educação, história e memória cultural do povo ilhagrandense.

Este estudo se fez necessário, porque oportuniza o conhecimento sobre a ação educativa desse griô e sua influência na educação, história e memória cultural dos ilhagrandenses, de modo que traz reflexões sobre como as manifestações de cultura se relacionam com a educação, a história e a memória de um povo.

2 Cultura e Educação

Esta pesquisa enfoca aspectos da educação, história e memória cultural do povo de Ilha Grande-PI, a partir do fazer do griô Zé Santana que, dentre outras ações, se dedicou a contar e cantar peculiaridades dessa comunidade em suas produções, ora escritas ora em atos de oralidade e em práticas do cotidiano, como artesanão.

Pensar um trabalho no âmbito da cultura e educação é um processo complexo, trata-se de uma travessia em águas caudalosas, que correm em diferentes direções, sob várias correntes, entremeando o “delta da sociedade humana”. Essa travessia fugaz ocorre a começar pelo sentido que podemos dar ao vocábulo *cultura*, que ao longo da história foi sendo tecido sob um prisma polissêmico que ainda divide pesquisadores de vários campos.

A ideia do que possa ser, ou não, cultura se insere no âmbito do que é considerado dentro e fora da polissemia construída. Há uma multiplicidade de sentidos em torno dessa palavra, que é posta em vários campos, desde a semântica relativa ao trabalho braçal até a noção de conhecimento, considerando nesse segmento o campo científico, mas também o das práticas do cotidiano.



Há estudos que associam cultura às formas de viver, aos costumes e aos hábitos em sociedade, por exemplo. Laraia (2003) fez um levantamento sobre o conceito dessa palavra, esclarecendo que o primeiro enfoque antropológico dado ao termo *cultura* veio com a obra *Primitive Culture*, de *Edward Taylor*, em 1871, e trouxe apontamentos sobre o estudo sistemático da cultura, considerando esta como um fenômeno de cunho natural, portanto, passível de análise e formulação de leis.

Laraia (2003, p. 68), por sua vez, define cultura como “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura”.

Para Santos (1994), o termo cultura representa uma gama de elementos que se entrelaçam com a própria humanidade, considerando suas várias manifestações e variações, no sentido de que são essas multiplicidades que formam o conjunto de sentidos que caracterizam o vocábulo e que apontam para interpretações diversas:

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças do povo, ou ao seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. A lista pode ser ampliada (Santos, 1994, p. 21-22).

Segundo o pesquisador acima, a cultura pode ser considerada um fenômeno social histórico, uma vez que é construída a partir da ação de indivíduos ao longo dos tempos, não podendo ser, dessa forma, dissociado da sociedade. Manifesta-se nas condições em que são pensados, instituídos e fomentados os grupos sociais e, nestes, os atos de seus entes.

Werneck (2003) apresenta o conceito de cultura sob duas óticas: a primeira sendo o resultado da ação do homem na natureza, sua interferência no meio e, também, em outros indivíduos assim como em si mesmo; a segunda referencia cultura como o ato de propor uma noção de valor na natureza, ou seja, a cultura como processo de aquisição de valores, em outros indivíduos e no próprio ente instaurador desse valor. Segundo a autora, há um paradoxo quando se pensa nessa conceituação, contudo, a versão mais aceita seria a primeira,



por compreender a cultura como um jeito novo de ser.

Esses apontamentos sobre o conceito de cultura foram necessários para que pudéssemos comungar o que trataremos em nosso trabalho a respeito desse termo. Assim, compreendemos cultura como o processo que se manifesta na coletividade, de forma dinâmica, compreendendo o jeito de ser e fazer dos moradores de uma comunidade em que, na interação entre esses modos e jeitos, seja possível a transmissão de tradições, a construção de valores, as produções de linguagens, os costumes, possibilitando aos sujeitos que a formam criar, recriar, educar, transformar sua vida e a dos seus pares.

A cultura, em sua dimensão com as práticas e saberes do cotidiano de um povo, tendo como elo relacional as manifestações de sabedoria oral, pode se processar também a partir da memória coletiva (Halbwachs, 2006). Dessarte, compreendemos que a cultura, seja adjetivada ou não com o termo “popular” (Assis; Nepomuceno, 2008), tem um aspecto multidimensional, difunde e é difundida no sentido de que é diversidade, misturas, portanto, educação.

Ao longo da vida, educamos e somos educados, em um processo de interação com pessoas, culturas, artes, histórias, memórias e literaturas. É um aprendizado constante em que há uma ação cíclica, permitindo a quem ensina, aprender, e ao aprendente a capacidade de, também, ensinar.

Nos processos nos quais ocorrem o ensino e a aprendizagem, os personagens envolvidos, os contextos em que ocorrem e as formam como são possíveis, dizem respeito ao tipo de saber, de conhecimento que pode ser construído. É um ato interativo que compreende muitos fatores, por isso se torna complexo, todavia, pode efetivar-se em atos de simplicidade e espontaneidade.

O ato de educar não é, entretanto, restrito ao espaço da escola, podendo ocorrer em outras ambiências, a partir da ação de sujeitos não, necessariamente, professores. Neste sentido, Brandão (2007, p. 7) esclarece: “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”.

A cultura serve à educação, ou vice-versa, quando no comungar de ambas, seja possível o aprendizado, no sentido de que esse aprendizado possibilite formação/orientação de



pessoas, que na dinâmica do ensinar e aprender haja a partilha de valores, tradições, vidas. Aprendemos nos vários grupos sociais dos quais participamos, aprendemos no trabalho, na rua, na natureza.

Desta feita, pensar a educação como processo dinâmico em que é possível a integração de vários campos, visando à construção de aprendizagens múltiplas, é considerar que esse segmento não ocorre apenas na escola nem somente por ação do sistema educacional.

Trata-se, portanto, de compreendermos que educação está além dos estabelecimentos específicos a esse fim, pode ocorrer também no cotidiano, através da ação de pessoas que se munem de suas próprias ações para educar outras pessoas, estabelecendo relações com diversos aspectos da vida humana, incluindo a cultura desses indivíduos.

A cultura como mecanismo de manifestação social estabelece relação com a educação, como bem postula Forquim (1993, p. 14), para quem a “[...] educação e cultura aparecem como duas faces, rigorosamente recíprocas e complementares, de uma mesma realidade: uma não pode ser pensada sem a outra e toda reflexão sobre uma desemboca imediatamente na consideração da outra”.

O trabalho educativo consiste em agregar as diversas formas de constituição de aprendizado e nesse sentido, aspectos da história, da cultura, da memória, da literatura, estão imbricados, uma vez que a aprendizagem é construção cognitiva desses campos em constante interação.

3 Metodologia

A pesquisa é um processo que requer planejamento sistemático, traçado a partir de etapas específicas que compreendem desde a preparação do estudo, passando pela execução da metodologia escolhida, até sua conclusão, isto é, o relatório da investigação. Optamos, considerando nosso objeto de investigação, pela abordagem qualitativa. Esse tipo de pesquisa se baseia na comunhão entre a descrição das interfaces que norteiam o objeto e o tratamento dessas, sob uma atmosfera de produção construtiva de conhecimento (Minayo; Gomes, 2010).

A presente abordagem tem como perspectiva metodológica a Análise de Conteúdo, um processo de desenvolvimento de técnicas que permite analisar materiais oriundos de



comunicações, de forma sistemática e descritiva, ou seja: “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. (Bardin, 2016, p. 15).

A etapa inicial foi o momento de organização do estudo: realizamos a leitura flutuante, por meio da qual escolhemos os documentos que serviram de base analógica; debruçamo-nos sobre a formulação de possíveis hipóteses e objetivos; e elaboramos os indicadores que fundamentaram nossa interpretação.

Dessa forma, o *corpus* do estudo, isto é, “[...] o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 2016, p. 126) foi construído mediante o desenvolvimento de uma entrevista semiestruturada com cinco moradores de Ilha Grande-PI.

A entrevista semiestruturada, segundo Severino (2007), é aquela em que as questões direcionadas não são previamente estabelecidas, para que o entrevistador e o entrevistado tenham mais liberdade em expor dados e informações, bem como detalhes e opiniões que forem surgindo ao longo da conversa.

Ao todo, foram construídas oito categorias de análise e cinco unidades de registro, entretanto, neste artigo tratamos, especificamente, das categorias “Educação e Cultura” e “Ação cultural do griô Zé Santana”, analisadas a partir das perguntas de comando e de fragmentos das entrevistas realizadas.

Os participantes, moradores da cidade de Ilha Grande, pessoas que puderam nos ajudar a compreender o processo de formação do griô em questão e sua importância para a educação e cultura desse lugar, foram um repentista que atuou com Zé Santana em rodas de brincadeira de boi e duas professoras, as quais já trabalharam obras do griô em suas salas de aula. Cada participante assinou o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, dando-nos autorização para o uso do conteúdo de suas entrevistas na construção desta análise.

Após a textualização do material das entrevistas, houve a devolutiva aos participantes para que pudessem apreciar o conteúdo de suas respectivas falas e fazer, se necessário, modificações. Em seguida, realizamos a análise de conteúdo, considerando as categorias e os indicadores, o que culminou com a produção do relatório, aqui em formato de artigo científico.



4 Análise da ação educativa de Zé Santana em Ilha Grande

A educação é um processo em que é possível educar a partir da vida, de outro modo não faz sentido uma educação para vida. Isso compreende uma série de questões: educamos pela e na cultura, se estivermos sensíveis a essa manifestação, que é produto das ações humanas, emergindo da história e da memória, como fez e faz o griô Zé Santana.

Raimundo José do Nascimento, o Zé Santana, é filho de Benedito Horácio Alves de Miranda e de Maria Santana do Nascimento. Primogênito, na ordem de cinco filhos, nasceu no dia 01 de setembro de 1955. O menino José aprendeu cedo o pesar da lida diária no Delta do Parnaíba, desde a infância trabalhou com os pais nas roças de arroz, feijão e mandioca, bem como nas pescarias nos igarapés e nas feiras de produtos silvestres, em Parnaíba.

Na juventude estudou apenas alguns anos, não concluindo o Ensino Fundamental. Aprendeu com o avô, João Calurinda, o gosto pelas toadas e pelas brincadeiras de boi. Aos 13 anos estreou como amo (líder) de uma brincadeira de boi, no povoado Tatus. Além da manifestação cultural da brincadeira de boi, Zé Santana atuou na tradição das pastorinhas, em concursos de música popular e em eventos de caráter religioso, nos quais foi compositor e intérprete.

Figura 1 -Griô Zé Santana





Fonte: Acervo particular dos pesquisadores

No começo dos anos 2000, percebendo a necessidade de registrar suas composições e reconhecendo suas limitações no trato da escrita, retornou à escola e concluiu o Ensino Médio. O griô possui um acervo escrito composto por mais de cem produções entre poemas, repentes, letras de músicas, crônicas, lendas, causos, orações e hinos.

A seguir, apresentamos a análise compilada de aspectos das baterias das entrevistas realizadas. Na categoria “Educação e Cultura”, uma das primeiras indagações foi se Zé Santana poderia ser considerado um educador cultural, considerando sua atuação junto ao povo de Ilha Grande, mediante sua arte, saberes e fazeres. As respostas foram:

Repentista: Sim, eu concordo com isso, sim. Zé Santa foi meu professor [...] Eu aprendi tudo das coisas do boi com ele, ele é um poeta da nossa brincadeira, né. Tirava coisas da cabeça que ninguém nunca imaginava, então, assim, eu acho ele um grande professor pra mim. Um pessoa que eu gosto, meu amigo, meu professor, que tive muito prazer de fazer com ele as brincadeiras do boi, por vários anos.

Professora 1: Com certeza, ele é um educador cultural, um representante da cultura de Ilha Grande, pois o que ele faz é ajudar a cultura a não morrer.

Professora 2: Sim, pelo que ele tem feito aqui, nas coisas que ele produziu, não só no boi, mas isso tudo que tem escrito, essas coisas são importantes



demais para Ilha Grande toda.

A perspectiva em que situamos as falas dos participantes sobre a menção de Zé Santana como um educador cultural de Ilha Grande se insere na premissa de que é possível educar pelos fazeres e saberes do cotidiano (Certeau, 2012). Os professores veem nesse griô a figura de um educador cultural pelo fato de que a ação de Santana é pela promoção e continuidade das tradições dos moradores da comunidade. Segundo os educadores, o que Zé Santana faz é um processo de manutenção dos costumes e dos valores culturais locais, portanto, ações de educação.

Em relatos emocionados, o mestre companheiro do griô enfatizou a atuação de Zé Santana como “professor” nas atividades que desenvolviam, como um líder que organizava e regia o grupo de brincantes do boi, dentro de uma cadência e instrução que era acatada minuciosamente por cada participante, transmitindo saberes, os conhecimentos específicos dessa manifestação de cultura, além de estabelecer relações de amizade, companheirismo e respeito no grupo.

As rodas, as brincadeiras, os eventos de cultura organizados por Zé Santana traziam um misto de música e poesia, uma literatura construída na oralidade, que permitia a todos os membros (que assim quisessem) manifestar suas habilidades, seus saberes, formando uma orquestra na qual o maestro era Zé Santana, como representa a figura abaixo.



Figura 2 – Roda cultural no quintal de Zé Santana



Fonte: Foto do acervo particular do griô Zé Santana, cedida aos pesquisadores

A imagem mostra uma das rodas de cultura organizada pelo griô, na década de 1990. Geralmente realizados aos finais de semana, esses eventos misturavam música, narrativas, construção de toadas e duelos de repente. Terreiros, escolas, campos de futebol, arraiais se transformavam em palcos da cultura viva do povo de Ilha Grande, onde vozes se misturavam formando uma grande performance (Zumthor, 2010), uma relação ancestral de vozes.

A voz, que segundo Zumthor (2010, p.11-12), “ultrapassa a palavra. [...] Na voz a palavra se enuncia como lembrança, memória-em-ato de um contato inicial, na aurora de toda vida e cuja marca permanece em nós”. Nesse sentido, a manifestação da voz se traduz no processo denominado de “performance”, que ocorre na ação que envolve locutor, locutário e contexto em que se desenvolve a mensagem.

A performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, locutário, circunstâncias (quer o texto, por outra via, com a ajuda de meios linguísticos, as represente ou não) se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis. (SaraivaapudZumthor, 2010, p. 31).

A performance compreende diversas operações que podem ser, ou não, dissociáveis como: a produção, a transmissão, a recepção, a conservação, e a repetição – operações que



formam a ideia de constituição de um poema. Em práticas de poesia oral, como bem o faz Zé Santana, a performance ocorre na medida em que o poeta canta, declama determinado poema (as toadas e repentes, por exemplo) em uma atmosfera específica desse campo de produção, em que a mensagem expressa é na voz, para além da palavra.

Relembrando a trajetória do griô, não apenas na tradição da brincadeira de boi, mas como referência a outras tradições como as pastorinhas e as quadrilhas, os entrevistados salientaram a importância do fazer de Santana na comunidade, ao longo das últimas décadas, em que manifestou as tradições do Delta do Parnaíba, com maior ênfase em Ilha Grande.

Os relatos dos participantes confirmaram nossas hipóteses sobre a importância da ação de Zé Santana na educação e cultura de Ilha Grande. Temos nesse griô, o que Pinheiro (2016) postula em relação ao mestre-escola Miguel Guarani, ao relacioná-lo com uma “biblioteca viva”. Zé Santana confirma a metáfora da biblioteca, ou seja, é um “acervo vivo” de conhecimentos acerca das tradições do seu lugar de origem, bem como dos ofícios, saberes e do modo de vida do seu povo.

Figura 3 - Grupo cultural liderado por Zé Santana



Fonte: Acervo particular do griô

A figura acima mostra que o fazer de Zé Santana constitui-se como uma possível prática educativa, tendo em vista o teor formativo, em cultura de poesia e literatura, que tal fazer possibilitava. Desta feita, “Cantar a terra natal, dizer o seu significado, emoldurá-la em versos, apontar seus encantos e desencantos, imortalizar seu povo, dizer a cultura local com



suas particularidades, fez do poeta um retratista do tempo, um desenhista da vida, um arquiteto das gentes” (Pinheiro, 2016, p. 24).

Se relacionarmos esta menção à ação do griô Zé Santana, identificamos facilmente as molduras, as fotografias, os desenhos e os formatos de Ilha Grande nas letras e nos cantos desse poeta da vida. Nesse ensejo, e considerando: que educação, à luz de Freire (1987), é um processo de transformação do homem, de construção de cidadania e de reconhecimento de sua própria identidade cultural; que educador é aquele que possibilita aprendizado a partir de ações concretas, vivas (Luckesi, 2005); e que a cultura pode transformar a natureza, o homem em si mesmo e o outro (Werneck, 2003), referenciamos Zé Santana como um *educador cultural*.

O trabalho que desempenhou, e desempenha, suas atividades de formação cultural humana, através de práticas que fomentam a construção da identidade cultural do seu povo, nos vários grupos em que atuou, ensinando, compartilhando, transformando o meio social da comunidade, os outros à sua volta e a si mesmo o ratificam como um educador cultural.

Atuando como amo de boi, poeta, cantador, animador das cantigas das pastorinhas, artesão, esse griô possibilitou formas de educar gerações de ilhagrandenses para a cultura do município: pessoas se tornaram amos de boi porque aprenderam com Santana, artesãos foram influenciados pelo griô na feitura de bois, muitos aprenderam sobre as tradições de seu lugar de origem ouvindo e vendo Zé Santana manifestá-las em letras e cantos.

A participação desse homem na política, os textos que escreveu contemplando aspectos da história e memória cultural do povo do Delta, são marcas de quem educava sua gente, mesmo que, talvez, não tivesse consciência plena dessa pedagogia. O fato é que, consciente ou inconscientemente, seu trabalho educativo na comunidade foi atravessando a história de vida desses moradores.

Assim, ele é um educador formado pela própria comunidade, através de suas tradições, costumes, modos de ser, e atua nessa mesma comunidade fazendo uso do seu capital cultural, das suas táticas, que lhe conferem habilidades específicas como o domínio de ofícios e saberes, por meio dos quais desenvolve práticas de interação com os moradores, possibilitando aprendizados, ações de pertencimento e promoção da identidade cultural do seu povo.



Zé Santana ensinou e aprendeu, porque esteve sensível às questões sociais, políticas e culturais do seu lugar. Sua ação pode ser compreendida e até mesmo, estudada, no âmbito que foge ao estruturalismo cartesiano dos estudos históricos e literários, isto é, na medida em que é possível considerá-lo um educador em potencial, capaz de promover conhecimento a partir das suas práticas.

No universo subjetivo da criação, o homem pode atuar como sujeito e não apenas como objeto, portanto, ao retirar a “venda” que o impede de se perceber como sujeito que cria e recria o mundo a sua volta, ele passa a reconhecer-se como agente ativo de criação e multiplicação de linguagens. Isso o torna um ser capaz de educar e se educar através dos seus próprios fazeres e os dos outros membros da comunidade, como ocorre com Zé Santana e outros do seu perfil, na cidade de Ilha Grande-PI.

Dessa forma, compreendemos que o estudo imanente dos aspectos da arte, da cultura e da literatura, possibilita a compreensão do processo de relação do povo com o próprio povo, refletindo sua tradição, em uma perspectiva dinâmica, de movimento, viva, de afeto e de respeito que permite ao indivíduo tornar-se agente multiplicador desse legado.

No caso de Zé Santana, o legado também é de ordem material, o acervo escrito que produziu, as feitura literárias que caracterizam vários aspectos do Delta do Parnaíba, principalmente na região de Ilha Grande, pode ser material utilizado em práticas educativas formais na escola. Assim, quando perguntados se a literatura produzida por esse griô poderia ser transformada em material educativo para ser trabalhado nas escolas de Ilha Grande, os entrevistados foram enfáticos:

Repentista: Até demais, o Zé Santana com todos esses escritos pode ser transformado em livro, em cartilha e isso pode ser levado até para as bibliotecas, para as escolas. E isso é importante demais, porque hoje nossa cultura está praticamente morta, a gente não vê mais a cultura que existia antes e precisamos mostrar essa riqueza.

Professora 1: Sim, seria de grande valia. O que tem nesse material é a Ilha, é a própria Ilha Grande todinha aqui. Você vai lendo e vai vendo o que era [...] coisas de quando eu era criança e já me contavam; fatos que são verdadeiras histórias de vida, porque a História é viva. Então, eu acredito que seria muito importante um projeto desse, seria maravilhoso!

Professora 2: Com certeza e é necessário, porque através do que tem nesse



material, as futuras gerações e as atuais também, podem conhecer e aprender sobre a Ilha Grande. O material que ele tem é rico demais, precisa ser levado para todos, porque quando a gente lê, a gente se vê dentro disso, é como se a gente fosse caminhando com ele, eu fico emocionada de ver!

As respostas acima apontam para o reconhecimento, por parte dos participantes, da importância do material escrito do griô Zé Santana. Todos os entrevistados foram contundentes em reconhecer nos escritos do acervo, uma riqueza bastante peculiar, arte e literatura desenvolvidas de forma simples, mas muito significativas, gestadas nas memórias de Zé Santana sobre o povo ilhagrandense.

Na pesquisa que realizamos, fizemos o mapeamento dessas produções e as organizamos a partir de gêneros, com base nos estudos de Bakhtin (2003) sobre gêneros do discurso e mediante pesquisas de Dolz e Schneuwly (2004), no tocante às ordens textuais. Considerando esses postulados, fizemos o ordenamento da obra do griô.

Quadro 1 - Organização do acervo escrito de Zé Santana

Gênero	Produções
Crônica	Delta do Parnaíba; Fazenda Cutia; Vaqueiro Benedito Pedro; As Balaieiras de Ilha Grande; Lembranças dos Morros da Mariana; Antigamente; Lembrança do Boi-Bumbá; Fazenda Cutia.
Lenda	O Morro gemedor; O Nucipode; A Mulher chorona; O Lobisomem; O Caipora; Lenda do Pescador; O Alto do Brejo; O Gritador.
Estórias de Trancoso	Os desejos de Joãozinho; A velha turrona e o macaco sabido
Conto	O preguiçoso bonito.
Poemas	Emancipação de Ilha Grande; Minha Cidade; Bicharada; Meu lugar; Uma história; O dia D na limpeza; Sou pescador; Sou Nordestino; Desabafo; Lembranças; Rainha do Lazer; Coração do Brasil; Boi de Ilha Grande; À Juventude; Caranguejo-Uçá; Escola Marocas Lima; Ilha Grande FM; Futuro; Balançando Aí Dentro; Falaram o que?; Identidade; Ai, Saudade; Poesia à Parnaíba; Estado do Piauí; Ao Piauí
Hino cívico	Hino à Ilha Grande.
Hinos religiosos	Hino a São Pedro; Princípio e Fim; Maria de Nazaré; Profecia; A origem; Hino a Nossa Senhora da Conceição; Conversão de um pescador; Caminhamos juntos na Fé; Meditação; É Cristo que fala; Noite de Alegria; Jesus Cristo, nosso Rei; Hino da Paz.
Cordel	Juninho e o cavalo assassino; Conceiçãozinha.
Toada	Toadas do Boi Estrela da Ilha
Repente	Repentes dos duelos travados com amos de brincadeira de boi da região do Delta do Parnaíba



Oração	Oração a São Galvão; Oração a Santo Expedito; Oração do Pescador
Música	Chave da minha paixão; Minha Conceição; Castelo do Amor; Velho Chico; Violão, meu amigo; Sonho; Vou cantar, meu Brasil; Apaixonado pelo samba; A mulher do amigo meu; Brasil; Homenagem a Dominginhos; Rebola, nega; Impacto do Samba; Jogo do amor; Menina linda; Clareou; Coração Sangrando; Romance de Amor; Minha Viola; Um passado; Canção de Crítica; Professor; Recordação; Minha Mãe; Tio Ciça; Mulher Desalmada; Brasil, meu Brasil; Flamengo eu sou; Mãezinha.

Fonte: Produzido pelos pesquisadores

Esses gêneros têm como base principal, aspectos relativos à cidade ou ao perfil dos moradores de Ilha Grande. Sua constituição é fruto da relação de Zé Santana com seu lugar de origem, o que lhe permite fazer uso de memórias para expressar cultura, contar histórias, culminando com a gama de produções escritas que desenvolveu e as muitas que se fizeram na oralidade e se perderam no tempo.

Dessa forma, e considerando o conteúdo das entrevistas, vemos claramente a relevância da proposição do acervo escrito de Zé Santana como material educativo para ser trabalhado nas escolas de Ilha Grande e, também, como fonte de consulta e deleite. São instrumentos que possibilitam pensarmos essa comunidade a partir da própria Ilha Grande, ou seja, a leitura dos textos do acervo traz, para quem é morador, um caráter identitário, referencial.

Os textos são, em potencial, ferramentas para se trabalhar processos de letramento e alfabetização na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por trazerem a proximidade do lugar de origem dos alunos, de pessoas do seu convívio na comunidade ribeirinha.

Trabalhar como um material dessa natureza, vivo, criado com e sobre a realidade com que esses estudantes convivem é executar, na prática, o que Freire (1987) defendia, quando propunha uma pedagogia em que os conceitos e conteúdos trabalhados com o público jovem e adulto fossem adequados à sua realidade, para que os alunos pudessem aprender a partir das suas vivências e suas práticas na vida cotidiana.

O acervo escrito de Zé Santana pode ser uma importante ferramenta para se trabalhar oficinas de leitura e produção de textos, sob várias ordens tipológicas (Doz; Schneuwly, 2004) e diversos gêneros (Bakhtin, 2003) do discurso. Em práticas voltadas ao público do Ensino



Médio, a análise da estrutura dos textos desse griô (poemas: métrica, ritmo, versificação, rimas, etc.; prosas: elementos da narrativa – personagens, enredo, tempo, aspectos de verossimilhança, espaço geográfico, narrador) pode render relevantes práticas de construção de saber na sala de aula e para além desta.

Considerações finais

Realizar a presente pesquisa foi um grande desafio, principalmente por se tratar de uma temática complexa e deveras abrangente, no entanto, ao passo que fomos executando as etapas, aumentava nosso desejo de concretizar o projeto proposto, pois além do aprendizado acadêmico, tivemos um aprendizado social, pessoal.

Propomos uma travessia pelos igarapés da história e da memória cultural de Ilha Grande e navegamos sobre águas profundas, caudalosas, turvas, ao mesmo tempo cheias de vida, de protagonismo, de cultura, de ofícios, de saberes múltiplos – como são os ribeirinhos do Delta do Rio Parnaíba que residem no território dessa grande ilha.

Nosso percurso nos levou a vários portos: mostramos como se deu o processo em que um morador fez uso da linguagem verbal, oralizada e/ou escrita, para poetizar aspectos da história do seu povo, e ser reconhecido como importante para a constituição da história desse território, apresentando Zé Santana como um griô de Ilha Grande.

Compreendemos que atingimos nossos objetivos, no sentido de que esses vários portos em que aportamos durante a travessia nos permitiram conhecer a ação de um homem simples, um ribeirinho que se fez essencialmente plural, pois traz em seu olhar a Ilha Grande em letras e cantos, em um processo no qual educação, história e memória cultural se entrelaçam.

As ações dentro da comunidade fizeram de Zé Santana uma espécie de educador cultural, pois seu fazer possibilitou diferentes formas de aprendizado e de construção de conhecimentos sobre a vida e a cultura no espaço da cidade em questão. Dessa forma, e considerando o fato de que acreditamos que a cultura do povo deve ser manifestada, dentre outros lugares, na escola, com e para esse mesmo povo, em um processo de interação entre comunidade e sua cultura, impulsionamo-nos a referenciar o griô Zé Santana como um parceiro da educação e cultura ilhagrandense, capaz de ensinar pela experiência de uma vida





Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL –ISSN 1980-4504
DOI: XXXXXXXX

destinada à promoção dessa cultura.

Nesse ensejo, lançamo-nos ao desafio de não encerrar as travessias pelos igarapés da história e da memória cultural de Ilha Grande, ao contrário, estendemos nosso barco para outros tripulantes navegarem, fomentando nosso desejo de continuarmos na travessia, em novos igarapés e em direção a outros portos.



BOITATÁ, Londrina
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Referências

- ASSIS, C. L.; NEPOMUCENO, C. M. **Estudos contemporâneos de cultura**. Campina Grande: UEPB, 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- FARIAS, A. C. S.; FONTELES FILHO, A. A.; IVO, C. T. C.; FERNANDES, C. A. F.; CUNHA, F. E. A. **Cadeia produtiva da pesca no interior do Delta do Parnaíba e área marinha adjacente**. Fortaleza: RDS, 2015.
- FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GONÇALVES, M. A. O Griot e o Areôtorare em Agostinho Neto e Lobivar Matos. *In*: LIMA, T.; NASCIMENTO, I.; OLIVEIRA, A. (org.). **Griots, culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. Natal: Lucgraf, 2009.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.
- HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. *In*: ZERBO, J. K. I. **História geral da África: metodologia e pré-história**. São Paulo: Ática, 1982. p. 181-218.
- LARAIA, R. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LUCKESI, C. C. O educador: quem é ele?. **ABC Educativo: a revista da educação**, São Paulo, v. 6, n. 50, p. 12-16, out. 2005.
- MINAYO, M. C. S.; GOMES, S. F. D. R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PINHEIRO, C. F. **Entre o giz e a viola: práticas educativas do mestre-escola Miguel Guarani, no Vale do Guaribas/PI (1938-1971)**. 2016. 281 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.





Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL –ISSN 1980-4504
DOI: XXXXXXXX

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

WERNECK, V. R. **Cultura e valor**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



BOITATÁ, Londrina
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>